

A METAMORFOSE DO ATOR NA CRIAÇÃO DRAG

THE METAMORPHOSIS OF THE ACTOR IN THE CREATION OF DRAG

Matheus Neves de Oliveira

Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN

ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-4652-7021>

DOI: 10.21680/2595-4024.2025v8n1ID42262

15

Resumo

A arte drag é uma prática que ultrapassa a simples performance teatral, servindo como um espaço para discutir o gênero como uma construção social e não-natural, um conceito já abordado por Judith Butler. Um experimento poético desenvolvido no Laboratório de Teatro Experimental e Pesquisa (LaTEP/UFRN) buscou criar uma cena por meio de um processo de metamorfose. Inspiradas na estética drag, três figuras foram esboçadas. A terceira figura foi escolhida por romper com a lógica convencional. Essa persona foi materializada em um casulo sintético, um traje feito de tiras de sacos de lixo pretos, papelão e fita adesiva, criando uma segunda pele que visava silenciar qualquer familiaridade. A maquiagem densa cobriu o rosto de tinta branca, apagando contornos e traços familiares, e desenhou novos contornos labiais disformes. O objetivo dessa criação era romper deliberadamente com os padrões de hiper feminilidade que existem no próprio meio drag, explorando o estranhamento do espectador e subvertendo uma arte já subversiva, além de trazer materialmente a plasticidade do gênero. A cena, com cerca de 40 minutos, consistia em um ritual de metamorfose. O primeiro ato era a maquiagem, transformando o rosto em uma tela em branco. No segundo momento, uma "dança com o desconforto," envolvia a fixação de peças rígidas e inelásticas de plástico, que, ao se atritarem, compunham a trilha sonora. O traje, propositalmente justo, aprisionava o corpo, limitando os movimentos a cada nova camada fixada. Ao final dessa transformação lenta, uma criatura drag onírica se erguia, envolta em rigidez e desequilíbrio, inerte diante do público, como um fantasma ou um monumento de plástico. Em termos ético-políticos, é crucial reconhecer que a performance drag pode trazer debates sobre gênero, mas corre o risco paradoxal de reforçar normas heterossexuais se não tiver um caráter de denúncia. Surge a questão sobre apropriação *versus* celebração quando artistas drag que são homens cisgêneros interpretam o feminino sem considerar as oposições reais (machismo, transfobia) vivenciadas por mulheres cisgênero, mulheres trans e travestis. É fundamental que a performance evite estereotipar

ou reduzir a complexidade da feminilidade. A arte drag, conforme essa abordagem, é um espaço complexo de experimentação e militância que visa provocar questionamentos e a contínua transformação do ser e das estruturas sociais.

palavras-chave: drag, gênero, experimento poético

Abstract

Drag art is a practice that transcends simple theatrical performance, serving as a space to discuss gender as a social and unnatural construct, a concept already addressed by Judith Butler. A poetic experiment developed at the Laboratory of Experimental Theatre and Research (LaTEP/UFRN) sought to create a scene through a process of metamorphosis. Inspired by drag aesthetics, three figures were sketched. The third figure was chosen for breaking with conventional logic. This persona was materialized in a synthetic cocoon, a costume made of strips of black garbage bags, cardboard, and adhesive tape, creating a second skin that aimed to silence any familiarity. Dense makeup covered the face with white paint, erasing familiar contours and features, and drew new, misshapen lip contours. The objective of this creation was to deliberately break with the hyper-feminine patterns that exist within the drag scene itself, exploring the spectator's estrangement and subverting an already subversive art form, as well as materially bringing the plasticity of gender to life. The scene, lasting approximately 40 minutes, consisted of a metamorphosis ritual. The first act was the makeup, transforming the face into a blank canvas. In the second moment, a "dance with discomfort" involved the application of rigid and inelastic plastic pieces, which, as they rubbed together, composed the soundtrack. The intentionally tight costume imprisoned the body, limiting movement with each new layer applied. At the end of this slow transformation, a dreamlike drag creature rose, enveloped in rigidity and imbalance, inert before the audience, like a ghost or a plastic monument. In ethical-political terms, it is crucial to recognize that drag performance can bring about debates about gender, but it runs the paradoxical risk of reinforcing heterosexual norms if it does not have a denunciatory character. The question arises of appropriation versus celebration when cisgender male drag artists interpret femininity without considering the real oppositions (sexism, transphobia) experienced by cisgender women, trans women, and transvestites. It is fundamental that the performance avoids stereotyping or reducing the complexity of femininity. Drag art, according to this approach, is a complex space of experimentation and activism that aims to provoke questioning and the continuous transformation of being and social structures.

Keywords: drag, gender, poetic experiment

A criação de personagens que tratam o gênero como uma construção social pode ser um solo fértil para discussão acerca de feminilidade e masculinidade. A *drag queen*, para mim, se resume a brincar com a expressão de gênero (expressão social do gênero através de roupas, gestos, comportamentos etc) tratando-a como uma *performance*, como algo construído, não-natural, já discutido anteriormente por Judith Butler, 1990. Essa brincadeira se dá através da apropriação e exagero de determinados símbolos. A maquiagem, tipicamente feminina, pode ser exagerada. As pressões estéticas para seios e bocas volumosas podem ser ironizadas através de seios disformes e bocas gigantes. Barba e bigode, comumente associados à performance de gênero masculino, entram e compõem um rosto constituído por enxertos de outros à la Victor Frankenstein.

A arte drag é uma prática que transcende a simples performance teatral. A performatividade, para Butler, difere da performance por ser um conjunto de atos regulados por sanções normativas, não uma ação voluntária (Silva, 2015). Na criação drag, o artista se utiliza voluntariamente de elementos tidos como normativos para o gênero feminino, como cabelos longos, unhas grandes, maquiagens bem polidas, roupas femininas, saltos e moldes de espuma para adicionar curvas ao corpo, com nuances de exagero e humor. A ideia de drag mostra que o gênero não é algo com que a gente nasce, mas sim algo que a gente "faz" o tempo todo. Essa "brincadeira" se dá através da apropriação e exagero de determinados símbolos, o que pode ser uma arte política que escancara como os códigos de gênero são construídos, não naturais.

Materialização da persona

Na minha atuação como bolsista de monitoria no Laboratório de Teatro Experimental e Pesquisa (LaTEP), vinculado ao Departamento de Artes (DEART) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), desenvolvi uma investigação cênica sob orientação do professor Adriano Moraes, coordenador do laboratório.

A proposta consistia na criação de uma cena performativa em que eu, enquanto ator, atravessasse um processo de metamorfose - uma travessia cujo destino seria o surgimento de uma nova figura cênica, quase inteiramente dissociada da identidade original do “eu-ator”.

A construção da cena se estendeu ao longo de aproximadamente quatro semanas. O ponto de partida foi o meu próprio corpo, o território da transformação. Tal como a lagarta que, alimentando-se, prepara-se para o recolhimento em seu casulo, iniciei meu processo ao nutrir-me de referências estéticas e visuais que viriam a compor as bases dessa metamorfose. O percurso inicial resultou na criação de três desenhos manuais - esboços de figuras atravessadas por distintas expressões de feminilidade. Eram entidades inspiradas na estética das drag queens, cujas performances evocam debates sobre gênero, performatividade e os limites da representação feminina.

A primeira figura apresentava uma aparência mais convencionalmente feminina: peruca longa, trajes associados à juventude e feminilidade e uma maquiagem polida. A segunda, mais lúdica, evocava elementos do clown - maquiagem carregada e trajes bufantes que ainda preservam traços femininos. Já a terceira figura, grotesca, rompia com essa lógica. Envoltas em um longo traje feito inteiramente de fita adesiva preta, que recobria o corpo do pescoço aos pés, criando algo como um casulo, ordenava o ator-criador à imobilidade e ao desconforto. O rosto era desfigurado por uma maquiagem densa: toda a pele foi coberta de tinta branca, incluindo a barba e as sobrancelhas, criando uma máscara sobre os traços do ator. Os cabelos foram ocultados sob uma touca de natação, os olhos escurecidos por tinta escuro e a boca redesenhada em vermelho, recriando um novo contorno labial.

Dentre as três figuras, a terceira revelou-se inicialmente a mais viável em termos técnicos e financeiros. Minha criação se materializou em uma persona com maquiagem forte em um traje feito com tiras de sacos de lixo pretos, moldadas em meu corpo com papelão e fixadas com fita adesiva transparente. Ao final, retirando

o molde interno de papelão, tive uma roupa feita exclusivamente de plástico. O resultado foi uma espécie de casulo sintético que, ao esconder o corpo, também o resguardava, trazendo uma segunda pele que buscava silenciar qualquer familiaridade. No topo da cabeça, uma peça cria uma espécie de coroa semelhante a um cone. Nela, tiras de plástico bolha caem sobre o corpo.

A intenção foi conceber uma persona drag queen que deliberadamente rompesse com os padrões que existem dentro do próprio meio drag, recusando a hiper feminilidade. Esta abordagem explora o estranhamento do espectador e a subversão de uma arte já subversiva, além de trazer materialmente a plasticidade do gênero.

A pesquisa imagética e estética, realizada durante a primeira semana do processo, constituiu uma etapa fundamental na construção dessa cena. Ao final da quarta semana, não havia apenas uma nova figura, mas algo que emergia com muitas potencialidades, como o nascimento de uma presença estranha e poética.

A criação dessa persona se desenrolou em uma cena de cerca de 40 minutos, um ritual de metamorfose onde meu corpo se tornou a tela. O cenário era simples: eu, sentado em um banquinho de madeira, diante de um suporte com espelho, pincéis, maquiagens e outros objetos. Ao meu lado, um saco de lixo preto. O primeiro ato foi a maquiagem. O branco cobriu meu rosto, apagando contornos, sombras e traços familiares. Uma tela em branco para um novo ser. Depois, o pincel desenhou uma boca disforme, e uma sombra preta extravasou os limites da pálpebra. Aos poucos, meu próprio reflexo deu lugar a uma face estranha, nova e fantástica.

O segundo momento foi uma dança com o desconforto. Tirei do saco de lixo um conjunto de peças plásticas. Apesar de plástico, o material era rígido, com pouca ou nenhuma elasticidade. Cada peça foi sendo fixada com fita adesiva. A cada movimento, o som do plástico em atrito com fita compunha a trilha sonora da cena. A roupa, extremamente (e propositalmente) justa em áreas como pernas e cintura, me aprisionava, limitando meus movimentos a cada nova camada. O corpo,

antes livre, tornava-se cada vez mais um prisioneiro. O visual se completou com uma espécie de blusa/blazer, uma saia lápis apertadíssima e sapatos de plástico. Na cabeça, uma peça feita de isopor coberta pelo mesmo material e, por fim, dedos longos e delicados de papel. Ao tentar calçar os longos dedos, a última etapa, o desequilíbrio e o desconforto atingiram seu ápice. A cada novo dedo, meus movimentos se tornavam mais escassos, minha rigidez mais completa.

Ao final dessa lenta e dolorosa transformação, uma criatura drag onírica se ergueu de pé. Uma espécie de criatura-traje, em desequilíbrio e envolta em muita rigidez, ela se colocou muda e inerte diante do público, como algo que acabara de nascer, segurando o saco plástico como um animal que permanece preso à placenta. Um fantasma, um monumento de plástico, uma casca. A criatura, imóvel, falava mais do que qualquer palavra.

Implicações ético-políticas

A performance drag, por si só, já é capaz de trazer debates acerca do gênero numa lógica binária e heterocentrada (POMBO, 2017) Minha criação, ao fugir dos padrões, busca trazer uma discussão sobre feminilidade e masculinidade. No entanto, é crucial reconhecer, como apontado por Butler, que essa performance parodística pode, de uma forma paradoxal, reforçar as normas heterossexuais e binárias, se não vier acompanhada por um caráter de denúncia (BUTLER, 1990) Nos últimos anos, tem sido comum ver a drag queen resumida a uma figura hiperfeminina, principalmente nas redes sociais e em *reality shows* de competição. Muitos desses artistas drag, que são homens gays cisgênero, acabam trazendo na sua performance uma “imitação” de experiências que não vivem, como as de mulheres cis, trans e travestis.

A ética de tal performance, como reflito em minha pesquisa, reside em perguntar: essa performance está celebrando ou se apropriando? Está dando voz ou silenciando? É fundamental compreender que a performance de um homem

cisgênero interpretando uma mulher, sem considerar as opressões reais vivenciadas por mulheres cisgênero, mulheres trans e travestis, corre o risco de estereotipar e reduzir a complexidade da feminilidade. Também é importante lembrar que a vivência feminina vai além da aparência e do comportamento. Mulheres enfrentam machismo, transfobia e outras opressões que são parte da vida real.

A arte drag pode servir como uma ferramenta para discutir desde sobre o corpo a questões de gênero e heteronormatividade (MARTINS; NUNES; 2024). A criação de minha persona drag, portanto, é um passo nesse caminho. O ato de montar-se, nesse sentido, não é o fim, mas o começo de uma pesquisa e de uma discussão sobre a contínua transformação do ser e das estruturas sociais.

A performance drag, conforme minha experiência, é um fenômeno artístico complexo que se manifesta através da performatividade e da paródia. A partir das perspectivas de Judith Butler, compreendo que a drag queen não é apenas uma performance, mas um ato performativo contínuo. Minha própria criação, ao recusar a hiper feminilidade, busca ser uma dessas expressões que provocam o questionamento e a reflexão, sempre com a consciência dos limites da representação e da importância de dar voz às experiências diversas e reais. A drag é, assim, um espaço de experimentação e militância, que transforma o indivíduo e a realidade social ao seu redor.

Referências

Butler, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade (1990). Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2013.

Silva, Marcos Aurélio da. Da performance à performatividade: possíveis diálogos com Judith Butler na antropologia de um festival de cinema. *Periódicus*, Salvador, n. 3, v. 1, mai.-out. 2015, p. 64-84.

Freitas, Marcel de Almeida. PERFORMANCES E PROBLEMAS DE GÊNERO, JUDITH BUTLER, 2008

Pombo, Mariana Ferreira. Desconstruindo e subvertendo o binarismo sexual e de gênero: apostas feministas e queer. *Periódicus*, Salvador, n. 7, v. 1, maio.-out. 2017, p. 388-404.

Martins, Enrique Bruno Lima; Nunes de Sousa, Francisco das Chagas Alexandre. A performance drag e suas implicações no discurso de gênero. *Passagens: Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará*, v. 15, n.3. Especial, p. 6-22, nov, 2024